

COLETIVO “VOZES FEMININAS”: AS PERCEPÇÕES DAS ESTUDANTES DO IFRO, CAMPUS JI-PARANÁ

GT 03 – EDUCAÇÃO E DIVERSIDADES CULTURAIS

Relato de experiência

Lediane Fani FELZKE 1 (Docente da Educação Básica, Profissional e Tecnológica/IFRO)

lediane.felzke@gmail.com

Shaylla SANTOS 2 (Discente do Curso Técnico em Informática/IFRO)

shayllasthefany@gmail.com

Evellyn SILVA 3 (Discente do Curso Técnico em Informática/IFRO)

evellynopo@gmail.com

Giovanna BERGAMASCO 4 (Discente do Curso Técnico em Informática/IFRO)

vonrondovgiovanna820@gmail.com

Kauany SILVA 5 (Discente do Curso Técnico em Informática/IFRO)

limadasilvakauany85@gmail.com

1 Introdução

O Coletivo Feminista “Vozes Femininas” nasceu do interesse de estudantes do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *Campus Ji-Paraná*, de criarem um espaço no *campus* específico para tratar assuntos relacionados às questões de gênero no contexto educacional, familiar e da sociedade como um todo. Rondônia é, atualmente, o estado com maior número proporcional de feminicídios no país. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), são 2,6 casos por 100 mil mulheres. Diante dessa realidade, as estudantes sentiam a necessidade de debater os temas que as afligiam, desde a sala de aula até o ambiente doméstico, e problematizar as relações de gênero no âmbito do *campus*. Nas suas percepções, há uma omissão curricular sobre as lutas das mulheres pela equidade de gênero e essa invisibilização da temática contribui para a reprodução dos papéis de gênero defendidos pelo patriarcado.

Ao tempo em que esta intenção foi sendo gestada, a reitoria do IFRO lançou um edital com o objetivo de “apoiar a formação e/ou o fortalecimento de COLETIVOS ESTUDANTIS que desenvolvam ações voltadas à inclusão, diversidade e combate ao discurso de ódio e promoção da cultura de paz no IFRO” (Edital N° 05/2023/REIT/PROEN/IFRO). Em abril de 2023, seis jovens se organizaram e inscreveram a proposta de criação de um coletivo feminista, que foi aprovada dias depois.

As lutas das mulheres para ocupar os espaços públicos, por igualdade e por direitos, é uma luta secular. E em pleno século XXI muito ainda há de ser conquistado. O fato de as mulheres serem maioria nas instituições de ensino não eliminou as desigualdades de gênero.

Realização

Prova disso é o Censo da Educação Básica de 2023 (Brasil, 2024) revela que 57,9% das pessoas matriculadas no ensino técnico são mulheres. As jovens, protagonistas deste trabalho, se situam nesse grupo majoritário de mulheres estudantes do ensino técnico, mas nem por isso se sentem confortáveis. Mesmo tendo acesso a uma instituição escolar que tem nos seus fundamentos a igualdade como um valor, sua percepção é de que isso não é suficiente para eliminar o peso do patriarcado em suas vidas.

Mulheres negras, por sua vez, são atravessadas por mais camadas de opressão do que as mulheres brancas e o feminismo destas últimas, embora relevante para a história da emancipação das mulheres, não deu conta de tais camadas. Crenshaw (1989) denominou as múltiplas sobreposições de gênero, raça e classe que afetam as mulheres negras de interseccionalidade. É nesse sentido a análise de Ribeiro (2018, p.53) ao afirmar que “[s]e a questão das mulheres negras é tão absurda é porque a arrogância do feminismo branco fez dela uma querela, e quando as pessoas querelam, não raciocinam bem”, parafraseando o pensamento de Beauvoir (2009, p.53) na sua argumentação de que “[s]e a questão feminina é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma ‘querela’, e quando as pessoas querelam não raciocinam bem”. Esta questão foi relevante nas discussões do coletivo.

2 Objetivos

O coletivo estabeleceu, em reuniões mensais, os seguintes objetivos: divulgar para as e os estudantes as lutas das mulheres no decorrer da história para conquistar seus direitos incluindo, neste contexto, a história do movimento feminista; proporcionar espaços para o desenvolvimento da sororidade entre as estudantes do *campus* e de diálogo sobre como identificar situações de assédio; discutir problemas de desigualdade de gênero e propor práticas mais igualitárias no cotidiano do *campus* Ji-Paraná.

Este relato de experiência, escrito em conjunto pelas estudantes e as tutoras, se propõe a divulgar as percepções das e dos integrantes do coletivo sobre os impactos que os encontros e as discussões trouxeram sobre suas vidas pessoais.

3 Procedimentos Metodológicos

Os dados deste trabalho foram gerados a partir das vivências das estudantes durante as reuniões preparatórias que ocorreram a partir do mês de junho e os seis encontros realizados entre os meses de julho e novembro de 2023. Na sequência, as protagonistas fizeram seus

relatos sobre os impactos que as atividades promoveram nas suas vidas. Tais encontros trataram dos temas abaixo.

Quadro 1 - Encontros do Coletivo

Tema	Data
Cine debate: “Moxie: quando as garotas vão à luta”	26 de julho de 2023
Palestra: “A história do feminismo”	9 de agosto de 2023
Roda de conversa: “Mulheres são com água: crescem quando se juntam” Base teórica: TIBURI, Márcia. Feminismo em comum: para todas, todos e todes. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.	13 de setembro
Roda de conversa: “Para educar crianças feministas” Base teórica: ADICHIE, Chimamanda. Para educar crianças feministas: um manifesto. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.	25 de outubro de 2023
Cine-debate: “Enola Holmes”	13 de novembro de 2023
Café solidário “Vozes femininas”	29 de novembro

Fonte: Autoria própria (2023).

Após a aprovação do projeto, iniciaram-se os preparativos para o desenvolvimento das ações. Estas foram divulgadas por meio de um perfil no Instagram (@vozesfemininas_coletivo), que também traz as fotos com um breve relato das atividades realizadas. Ao final do ano de 2023, as pessoas participantes avaliaram os trabalhos do coletivo. Suas percepções, identificadas pelas letras A a G, serão discutidas na próxima seção.

4 Resultados e discussões

Os encontros contaram com a participação de aproximadamente 12 pessoas, em média, entre meninas e alguns meninos do Curso de Informática, que se interessaram pela temática. A presença de colegas meninos em algumas reuniões foi interessante porque demonstrou que uma parte deles está aberta para conversar sobre o tema. As reuniões foram organizadas com atividades diversificadas, conforme o Quadro 01, e o ano foi finalizado com uma roda de conversa seguida de café solidário em conjunto com outro coletivo de estudantes do *campus*.

Sobre o projeto, a estudante A avaliou que:

Fazer parte do Coletivo sem dúvida trouxe grandes mudanças para a minha vida. Perceber que não estou sozinha e que tenho companheiras ao meu lado tem me dado uma força inabalável. Essa força me impulsiona a lutar por um mundo melhor e uma sociedade que valorize adequadamente as mulheres, um mundo sem preconceitos, onde possamos ser o que desejarmos sem julgamentos e cobranças pelo simples fato de ser mulher.

Essa fala é coerente com as discussões realizadas pelo grupo sobre os papéis que são esperados pelas mulheres por parte da sociedade patriarcal em que vivemos. Os relatos das participantes dão conta de como as famílias, mães e pais, possuem expectativas conservadoras sobre as vidas das suas filhas e como as tratam de formas diferentes dos seus irmãos. Esta

constatação corrobora as análises de Tiburi (2023) de que os estereótipos de gênero são socialmente construídos e naturalizados de modo a garantir a manutenção do patriarcado. Neste sentido, percebe-se claramente que tais estereótipos são reforçados dentro de casa, na escola, na igreja e na maioria dos espaços públicos. A importância de projetos como este no contexto de uma instituição de ensino foi reforçada pela estudante B:

O coletivo pra mim está sendo uma oportunidade incrível de me conectar com as pessoas à minha volta e me mostrar que com nossas ações posso, pouco a pouco, fazer a diferença. Eu amo fazer parte do Vozes Femininas. Me sinto uma mulher com voz ativa, tendo certeza que serei ouvida e que terei o prazer de dar a voz e escutar as experiências e conhecimentos de todas, todes e todos.

Proporcionar espaços de escuta e discussão para meninas, adolescentes e jovens nos contextos escolares é fundamental para superar estereótipos de gênero e tornar estas instituições lugares que respeitem e acolham a diversidade e a pluralidade de gênero, raça, classes, credos e ideias, desde que não firam a existência do *outro*. Este aprendizado foi ressaltado pela estudante C ao afirmar que:

Como integrante do coletivo Vozes Femininas, posso dizer que o coletivo tem representado um espaço de apoio e empoderamento, onde eu e outras mulheres podemos nos conectar umas às outras e trabalhar juntas para proporcionar a igualdade de gênero, combater o sexismo e lutar pelos direitos das mulheres. Também me ajudou no desenvolvimento social, além de estar tendo muito aprendizado com minhas amigas e colegas.

Por meio desta afirmação percebe-se o quanto este tipo de atividade promove o empoderamento feminino de instrumentalizar as jovens para lutar contra o sexismo e a misoginia nas suas esferas de convivência, reforçando a fala de Tiburi (2023, p.72) quando ela afirma que se “as mulheres confiarem em si mesmas e umas nas outras o sistema sustentado na diferença hierárquica entre homens e mulheres e na estúpida desconfiança sobre a potência das mulheres pode ruir”. A estudante D, por sua vez, concluiu que o grupo contribuiu para o enfrentamento de situações adversas no seu cotidiano:

Posso afirmar que participar do coletivo foi excelente pra mim, me deu novas ideias, novos horizontes, e me ensinou diferentes formas de enfrentar situações recorrentes no nosso dia a dia. Conheci tantas mulheres incríveis, cada uma com a sua história, todas tinham algo pra compartilhar e tudo isso formavam as reuniões mais acolhedoras e extraordinárias onde me sentia lisonjeada de participar de algo tão inspirador.

Sua fala não explicitou, mas a expressão “enfrentar situações recorrentes no nosso dia a dia” é capaz de encerrar inclusive as inúmeras formas de violência sofrida pelas mulheres, pois, de acordo com Bueno et.al. (2023, p.37), “Apenas no último ano, 46,7% das mulheres brasileiras de 16 anos ou mais sofreram alguma forma de assédio sexual”. Trata-se de um número alarmante, incluindo a faixa etária a que pertencem os protagonistas do coletivo. Estas

informações reforçam a necessidade da ampliação do debate sobre gênero nas instituições de ensino do país.

A importância dos diálogos sobre feminismo em âmbito escola também foi a percepção da estudante E, que por sua vez, fez uma análise abrangente dos benefícios do trabalho desenvolvido nos meses do projeto:

Fazer parte do coletivo Vozes Femininas é como um símbolo de união e luta para todas nós, mulheres! Isso me deu uma visão mais real do feminismo, mostrando que muitas coisas que a sociedade impõe como normal são, na verdade, problemas. Participar dos encontros, ler livros e debater abriu meus olhos para a necessidade de lutar contra esses padrões. Falar sobre isso, especialmente nas escolas, é super importante para construir a base da igualdade.

Observa-se neste relato, o incômodo das participantes com a normalização, por parte da sociedade patriarcal, de papéis e comportamentos esperados das mulheres e que necessitam ser problematizados, tal como afirma Adichie (2017, p.12) “[...] pais e mães inconscientemente começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, que elas têm mais regras e menos espaço, e os meninos têm mais espaço e menos regras”. E, por fim, se “repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal” (Adichie, 2015, p.16).

Neste contexto, a fala do estudante F é bastante representativa. Sendo um dos poucos meninos que compareceu às sessões, ele afirmou que “é uma oportunidade de conhecer um movimento que eu não tinha contato anterior, porque é algo que não me atinge diretamente, mas que é importante que eu conheça para melhor convivência com pessoas à minha volta”.

Por fim, o relato da aluna G é uma síntese significativa do que representou o projeto para as participantes: “Acolhimento, amparo, compreensão e familiaridade. Segurança de compartilhar pensamentos e ideais sem os julgamentos promovidos por uma sociedade historicamente misógina”.

5 Considerações finais

Este texto trouxe a percepção de estudantes do IFRO, *Campus Ji-Paraná* acerca das atividades realizadas pelo coletivo feminista Vozes Femininas. Tais percepções apontaram para o êxito dos objetivos traçados pelo coletivo. O grupo aprendeu sobre as lutas das mulheres e do movimento feminista, compreendendo a existência mais de um tipo de feminismo; conversou sobre o feminismo negro, o conceito de interseccionalidade e refletiu acerca do feminismo enquanto único caminho possível para a autonomia de todas as mulheres (cis e trans). As



reuniões contribuíram para o desenvolvimento de um espaço de confiança e sororidade em que as jovens puderam compartilhar experiências pessoais e se fortalecer mutuamente. Outrossim, debateram sobre as desigualdades de gênero, passaram a se enxergar como resultado de uma sociedade patriarcal e discutiram maneiras de combater, cotidianamente, práticas misóginas e sexistas que permeiam suas relações no âmbito público e privado. Espera-se que esta experiência estimule outras instituições de ensino a desenvolverem trabalhos semelhantes para que a escola caminhe no sentido da pluralidade, da alteridade e do multiculturalismo, promovendo, assim, o avanço da educação.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: Um manifesto**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todas feministas**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2015.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2 v.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2024.

BUENO, Samira et al. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Relatório. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/224>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1.ed.Companhia das letras, 2018.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 16.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.